

DESCORTINAR AS FORMAS DE RACISMO DO COTIDIANO

[RESENHA]

Liliana Tinoco Bäckert
Universidade de Lugano (Suiça)

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

A violência do racismo se dá pela invisibilização, pelos comentários maliciosos recheados de preconceito e disfarçados de curiosidade sobre o exótico, pelo descrédito, pela retirada do direito de falar. Em *Memórias da plantação: episódios do cotidiano*, Grada Kilomba descortina os episódios de racismo presentes no dia a dia, convidando os leitores a perceber como ele se manifesta e as dificuldades que ele impõe, mas também estimulando o público a se lançar no “estado de descolonização” como um caminho para ir em frente.

Palavras-chave: Migração. Racismo. Decolonial.

Racial violence occurs via invisibilization, malicious comments filled with prejudice and disguised as curiosity about the exotic, discredit, and the denial of the right to speak. In *Memories of the plantation: episodes from everyday life*, Grada Kilomba unveils the everyday episodes of racism, inviting readers to recognize its forms and the challenges it poses, while also encouraging the public to adhere to a ‘state of decolonisation’ as a way forward.

Keywords: Migration. Racism. Decolonial.

La violencia del racismo se produce mediante la invisibilización, los comentarios malintencionados llenos de prejuicios y disfrazados de curiosidad por lo exótico, del descrédito, de la retirada del derecho a hablar. En *Memorias de la plantación: episodios de la vida cotidiana*, Grada Kilomba desvela los episodios de racismo presentes en la vida cotidiana al invitar a los lectores a comprender cómo se manifiesta y las dificultades que impone, pero también anima al público a lanzarse al “estado de descolonización” como camino a ser seguido.

Palabras clave: Migración. Racismo. Descolonial.

O livro *Memórias da plantação: episódios do cotidiano* é um clamor para se pensar o racismo para além do que se nomeia e se reconhece: violento e escancarado, mas também sutil e cotidiano, nem por isso menos doloroso. Na obra, resultado da tese de doutorado da autora na Universidade livre de Berlim, Grada Kilomba entrevista mulheres negras e perpassa os traumas, os dramas, os silenciamentos e violências promovidas pelo racismo do dia a dia, tão banalizado, embora tão presente.

Nascida em Lisboa, a autora é uma artista interdisciplinar, psicóloga, intelectual e professora universitária. Mulher negra com origens em Angola e São Tomé e Príncipe, ela é também atravessada pelo racismo em uma Europa com mentalidade ainda colonizadora. Daí a potência para a escritora tratar, em sua obra, do tabu do racismo e do silenciamento das vítimas, que perdem a voz em um jogo de poder.

O texto de Kilomba traz as vivências de mulheres negras na Alemanha, mas está ali também a voz da autora, imigrante preta vivendo em Berlim. Apesar de não ter como objetivo analisar o racismo vivenciado na migração, a escritora traz a todo momento a problemática xenofóbica e racista experienciada por pessoas de países periféricos em um continente que ainda não se livrou do sentimento da supremacia branca e dos traumas de um racismo colonial ainda refletido nos atos mais corriqueiros do dia a dia.

Ao analisar as questões opressororas que se sobrepõem às mulheres negras cruzando categorias como gênero, raça e classe por meio do feminismo interseccional e decolonial, Kilomba termina tratando de questões estruturais em países como o Brasil e

outras nações da América Latina. No Norte Global, por sua vez, a violência cotidiana sofrida por conta da cor da pele se dá pela invisibilização, pelos comentários maliciosos recheados de racismo e disfarçados de curiosidade sobre o exótico, pela “outrização”, pelo descrédito, pela retirada do direito de falar.

A autora sabe disso e compartilha com o público algumas de suas experiências. Ela relata, por exemplo, que, ainda menina, em uma visita a um médico branco, foi convidada por ele para trabalhar nos serviços domésticos de sua casa... Isso teria acontecido se ela fosse uma criança branca? Kilomba conhece a resposta e talvez esteja aí a vitalidade do material: um texto profundo e pulsante, alicerçado em teorias sociais, antropológicas e psicológicas e, acima de tudo, extremamente realista, narrado de forma sensivelmente humana.

Descolonizar-se

“Quem pode falar?”, “pode a subalterna falar?”. As perguntas colocadas pela autora tornam-se um convite a uma análise das próprias histórias vividas. Não se sai ileso de questões como essas ou de outras, como “com licença, você lava o seu cabelo?”. Por isso, o livro tem o poder de levar à autoanálise, revisitar a memória de quem se é, de quem se foi, de onde se vem e, de forma mais impactante, provocar o direito à voz.

Afinal, a obra evidencia que as máscaras que tapavam bocas escravizadas ainda tentam silenciar o racismo nos dias de hoje. Se não existe mais o artefato que violentamente

prendia a língua para que não comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, há outras formas de inibição e constrangimentos.

*Por que escrevo?
Porque eu tenho de
Porque minha voz,
Em todos os seus dialetos,
Tem sido calada por muito tempo
(Kilomba, 2019).*

É com esses versos citados, de Jacob Sam-La Rose, poeta e intelectual negro contemporâneo, que a autora abre o livro. As provocações de Kilomba vão adiante e são um convite a membros de grupos minoritários para que se lancem no “estado de descolonização”. Para ela, “descolonizar-se” significa internamente não se existir mais como o outro, mas como o eu. Assim, “tornamo-nos sujeitos”. Se há máscaras que inibem bocas por tanto tempo impedidas de falar, é preciso enfrentar essas formas de violência.

Disponível também em outros idiomas, como espanhol, a primeira edição em língua inglesa do livro foi publicada em 2008, com lançamento durante o Festival Internacional de Literatura, em Berlim. No Brasil, a obra foi publicada em 2019 pela editora Cobogó, com tradução de Jess Oliveira. ■

[LILIANA TINOCO BÄCKERT]

Jornalista e mestre em Comunicação Intercultural pela Universidade de Lugano, na Suíça. É integrante da Rede de Estudos de Jornalismo de Migração e Refúgio em Contextos Latino-americanos (Remolinos), coletivo que reúne pesquisadores internacionais, vinculado ao Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc), da Universidade de São Paulo. Reside na Suíça e especializou-se em migração e integração de estrangeiros, e em práticas antirracistas. E-mail: liliana.tinocobaekert@gmail.com

Referências

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.